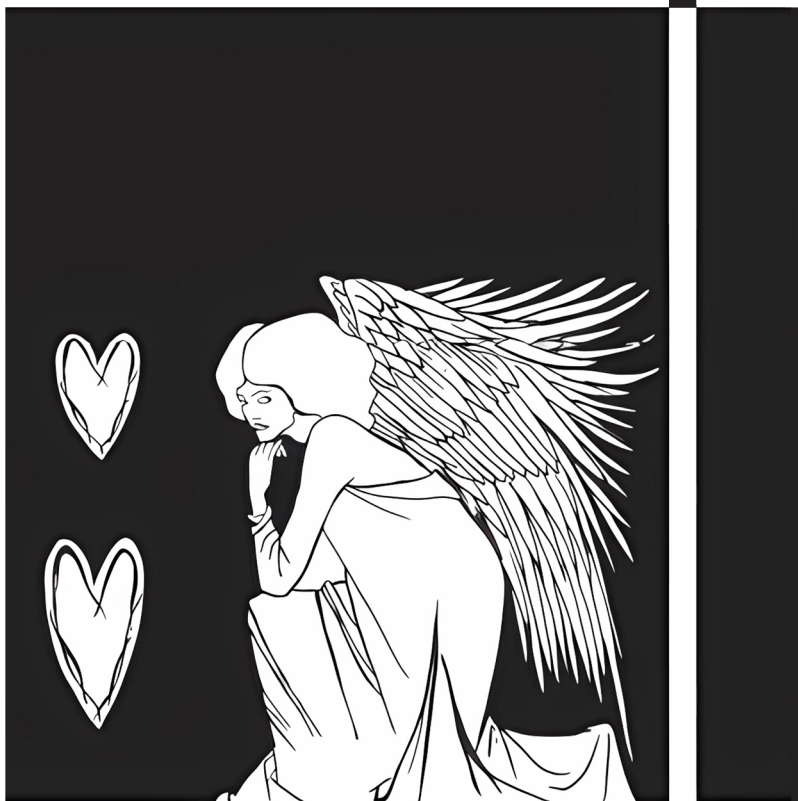


Mata o

Casal na tua  
Cabeça





# **MATA O CASAL NA TUA CABEÇA**

**Ungrateful Hyenas Editions**

Texto Original:  
Kill the Couple in Your Head  
*Ungrateful Hyenas Editions*  
***ungratefulhyenas.noblogs.org***  
2021

Tradução:  
Mata o Casal na tua Cabeça  
*Cicatriz del Chip*  
***cicatrizdelchip.noblogs.org***  
2026



**CICATRIZ  
DEL CHIP**  
CICATRIZDELCHIP.NOBLOGS.ORG

Este e o resto dos fanzines deste projeto estão disponíveis em PDF em  
***cicatrizdelchip.noblogs.org***

*O que segue são as notas de uma conversa  
feita em Berlim, Atenas e Marselha em 2020.*





Queremos falar de como aqueles que atacam o Estado recriam e reforçam seu poder mediante sua participação em suas instituições íntimas, especificamente o Casal (através do gênero), a Família e o Sexo.

Qualquer transgressão da normalidade —qualquer ameaça a ordem das coisas - deve ser pacificada e incorporada; as correntes subversivas são rapidamente canalizadas e reclamadas por movimentos que exigem igualdade ou reconhecimento frente a autoridade. Observamos anarquistas e *queers* uns contra outros nesse sentido— as pessoas *queer* reagem contra o culto ao militante patriarcal que o anarquismo costuma encarnar, desvalorizando o ataque e valorizando o "trabalho emocional" e a identidade. Por outro lado, as pessoas anarquistas reagem a essa reação valorizando as relações sociais normativas e desvalorizando o terreno (feminilizado) do emocional, do íntimo, do "privado".

Propomos um enfoque transversal que rechaça esse ponto morto inútil e tenta atacar a autoridade em todos os níveis —desde o íntimo até o estrutural—, entendendo que interessa ao poder manter a ideia de como ele nos controla e como nos controlamos entre nós são preocupações separadas. Queremos abordar esses fenômenos —Gênero, Família, Casal, Sexo— como formas ou instituições que capturam nossos desejos e energias. Nosso desejo de companhia e de compromisso é absorvido pela instituição do Casal e da Família. Nossas energias eróticas são capturadas pela instituição do Sexo. O gênero se reproduz mediante a violência dessas instituições. Queremos entender como funciona a prisão para poder organizar uma fuga, sem criar novos padrões morais subculturais para um sujeito anarquista superior. Todos fomos capturados nas armadilhas dessas formas sociais e não se trata de uma questão de pureza.

Começaremos pelo eu, como nos vemos a nós mesmos e como isso se relaciona com nossos amigos. Dentro da sociedade, somos criados como sujeitos atomizados em uma rede de outros sujeitos atomizados. Desse ponto de partida, *somos* sujeitos da sociedade que *fazemos* relações, amizade, Anarquia. Essas práticas são aceitáveis como passatempos ou entretenimentos, mas não podem colocar em questão nem ameaçar os muros que rodeiam nosso sentido do eu, o qual está restringido ao sentido atomizado do "eu" permitido dentro da rede de "eus" atomizados que constitui a sociedade dominante. Essa sociedade nos faz acreditar que nossos desejos e potenciais infinitos podem se reduzir a falsear e manter nosso selo único de subjetividade, mudando as decorações das paredes do cubículo-caixão no qual estamos encarcerados desde o nascimento.

No sentido do eu está a base da cosmologia racionalista que funciona como a religião oficial do Estado laico. O racionalismo é herdado e adotado sem crítica por grande parte da tradição anarquista. Esse legado europeu divide



o mundo em binários —sujeito/objeto, mente/corpo, civilização/natureza, eu/outr— e somente reconhece como real aquilo que pode ser medido com instrumentos de laboratório. Falamos de cosmologia porque acreditamos que a dominação começa pela forma em que nos conceitualizamos a nós mesmos e nosso lugar no universo. Essa cosmologia totalizante não permite a existência de outros mundos, e por isso, tanto exige como facilita o colonialismo, o genocídio, a escravidão e o adormecimento geral da existência.

Experimentar cosmologias subversivas ameaça os cimentos dessa ordem civilizada. Isso requer encontrar maneiras de ver a nós mesmos e a outros como parte de uma teia de aranha de relações, de potencial cumplicidade. Ao invés de acreditar que a verdade fundamental da nossa realidade é o nosso Eu imutável e atomizado, nossa realidade se caracteriza pela mudança constante, nossos limites se desestabilizam e nosso "eu" se expande por cúmplices que convidamos a nossa rede —um mundo sem objetos. Queremos nos arrancar da engrenagem na qual olhamos a nós, unes a outros, através da lente do valor de troca, no qual o Casal e a Família são unidades produtivas, e mergulharmos sem medo em uma ecologia vital de seres vivos baseada na reciprocidade e não no dom. Uma cosmologia subversiva é uma prática, não uma ideologia alienada, nem um "sistema de crenças".

Não nos interessa criticar decisões individuais sobre como se mover dentro da sociedade, nem afirmar que chamar alguém de companheiro seja melhor que chamar de namorado, nem propor que todos devêssemos viver em uma casa grande sem paredes, ou coisas do tipo. Estamos fartos de ficar reduzidos ao marco moral que julga as decisões dos demais em relação ao amor e ao sexo. Em vez disso, nos interessa compreender as instituições, formas e afetos que estruturam nosso mundo e asseguram que constantemente reinventemos nossa própria dominação, para assim poder destruí-las. Uma linguagem compartilhada sobre como isso se manifesta somente tem valor na medida que reflete um compromisso genuíno e compartilhado de atacar essas formas junto a nossos amigos, ancestrais e nós mesmos. A linguagem orientada a obter reconhecimento ou a criar significado dentro das formas e instituições da sociedade também é nossa inimiga.

Queremos abandonar as estruturas que mediam a vida íntima no presente. Não concebemos isso como a adoção de uma nova forma ou ideologia, mas sim como uma tensão constante, uma maneira de vida em conflito com essas instituições e com as infinitas formas que se impõem, sem um ponto utópico final. Nos centramos na dimensão psíquica do Casal —como nossos medos e inseguranças são manipulados pelo mundo que nos rodeia, tanto



a escala societária como íntima, para nos empurrar a buscar refúgio nessa jaula. No entanto, a dimensão psíquica é inseparável da material — nossos medos ao abandono estão ligados a ameaças constantes de escassez real, pobreza e violência que nos empurram a entrar e nos impedem de sair de vínculos coercitivos de co-dependência. Ao mesmo tempo, as classes populares experimentaram com formas criativas de interdependência material desde a aparição da pobreza, desde lugares intergeracionais até recuperação de terras, e as pessoas anarquistas construíram redes de solidariedade e apoio-mútuo para enfrentar a escassez material durante dois séculos. Estar integradas nessas redes de solidariedade nos oferece mais possibilidades de compartilhar vidas e recursos além do Casal, e mais lugares para onde ir quando os Casais falham conosco. Se queremos tirar o Casal das nossas vidas, devemos nutrir e sustentar essas formas de vida. Não obstante, essas redes são mais significativas e transformadoras quando emergem de afinidade expansiva e cumplicidade, em vez de hierarquias estruturadas ao redor de unidades de Casal ou cultos a personalidade. A luta por nos libertar dos laços do Casal que capturam nossa imaginação vão de mãos dadas com a luta por destruir a estruturas materiais que nos aprisionam em vidas que não são nossas. Mudemos nossas vidas para atuar, atuamos para mudar nossas vidas.

Então, antes de tudo, falaremos do por quê queremos destruir o gênero, em vez de expandi-lo, reapropriá-lo ou afirmá-lo.

Fazendo frente a força homogeneizadora da civilização, que nos amassa e converte a todes em sujeites generizadas, a diferença é nossa arma mais poderosa. Entre nós existe uma diversidade infinita. Reduzir toda essa diferença a categorias de homens/mulheres - machos/fêmeas requer uma enorme violência desde o momento dos nossos nascimentos. Afirmar que a diferença sexual é uma realidade biológica objetiva é uma das grandes mentiras que fundam esse pesadelo que vivemos. Sabemos que cada uno de nossos corpos é único, e que cada quem, por citar somente um exemplo, possui proporções diferentes de estrogênio e testosterona. Para manter essa grande mentira, operam bebês sem o seu consentimento, mutilando seus corpos porque sua mera existência expõe a falsidade, e por isso, deve ser apagada.

Por essa razão, dizer que quem tem vagina são mulheres e quem tem pênis são homens é uma imposição de cima que requer violência constante para ser sustentada. Também exige que disciplinemos nossos próprios corpos para encaixar nesse binário, forma que diz que as mulheres precisam se reproduzir como objetos sexuais para os homens.

Manter a categoria de "homem" também demanda disciplina permanente. Aqueles que são determinados a ser homens são treinados para ser uma força policial social que sustenta essa ordem patriarcal mediante



a violência. Nos estupram, nos matam, nos batem – para nos lembrar que somos mulheres e para lembrar a si mesmos que são homens. E nos escassos casos em que terminam em prisão pelo que fazem, são outros estupradores e assassinos quem tem as chaves. Devem nos manter dentro do binário homem/mulher para reproduzir todas as instituições que fazem funcionar esse mundo colonial –o Trabalho, a Família, o Casal–, nos manter trabalhando e reproduzindo sua força laboral, produzindo e disciplinando mais corpos para que os explorem e estuprem. A outra grande mentira –a da raça como realidade biológica– está vinculada desde a sua raiz com a mentira do gênero: a construção histórica de sujeitos racializados generizados através da escravidão e do colonialismo coloca os corpos em binários para facilitar o controle.

Precisam reduzir-nos a categorias que eles mesmos criam, porque para seguir nos controlando necessitam nos compreender. Inclusive se criamos novas identidades de reconhecimento, essas são neutralizadas e convertidas em novas categorias de controle, incorporadas como novos mercados comerciais. Por isso agora existem policiais, chefes e proprietários *queer* e trans. Enquanto buscar reconhecimento de cima é uma armadilha, devemos nos apoiar mutuamente nas diferentes estratégias e ferramentas que cada uma usa para sobreviver a esse pesadelo, como mudar nossos pronomes e nossas corpos. Precisamos nos sentir vistas umas pelos outros para construir a confiança necessária que nos permita atacar juntas. Ao ver verdadeiramente nossos companheiros, ao ser vistas por eles, podemos criar uma forma de liberdade interpessoal, um combustível para nosso fogo coletivo.

Sempre houve quem rechaçou esse pesadelo e se negou a viver dentro dos seus limites. A solidariedade ativa e as relações de afinidade com as lutas indígenas anti-autoritárias podem nos ensinar formas de entender a nós mesmas que não vêm de quem detém o poder, como acontece com tantos povos que não se dividem segundo o binário homem/mulher. Essas dissidências enfrentaram toda a violência organizada do Estado: os campos de concentração, as reservas e os internatos onde foram encarceradas e assassinadas por transcender a sua ordem. Em todo o mundo colonial, onde todos os demais mundos lutam contra a sua tentativa de aniquilação e assimilação.

O gênero se constitui através das instituições da Família e do Casal. A sociedade nos obriga a colocar nossa intimidade dentro dessas caixas produtivas para impedir a formação de cumplicidades mais amplas. A Família tem sido amplamente criticada dentro do discurso anarquista, e também o matrimônio, mas o Casal escapou em grande medida da crítica e continua moldando a maneira como nos relacionamos e limitando a afinidade potencial.



O Casal nos separa de nós mesmas e da rede viva de relações, restringindo o cuidado, o apoio material e emocional, o afeto e a intimidade vão para essa unidade co-dependente. O que chamamos de "Casal" *não é nada mais que* controle mútuo, gestão e governo. É a extensão da lógica colonial de privatização da terra, a objetivação da nossa relacionalidade intersubjetiva. Claro, o amor que compartilhamos e que viemos compartilhando desde os casais não podem ser reduzidos a essa forma, mas a forma em si serve para capturar o amor e o desejo livres, deformando-os até convertê-los em algo produtivo para a sociedade – uma unidade inteligível, facilmente controlável. O Casal cumpre o mesmo propósito que o matrimônio, mesmo que não esteja codificado legalmente – uma flexibilidade permitida na era cibernética. O Casal toma o sujeito atomizado e o funde com outro em uma única unidade atomizada de duas caras. Nosso valor próprio, inseparável do nosso êxito no gênero, depende da nossa desejabilidade – nosso valor determinado pelos quais tão bem conseguimos nos moldar em uma unidade.

A história do Casal nos diz que outro ser pode nos completar, fazer do incompleto algo inteiro. Está fixada dentro da esfera "privada" feminilizada de lugar, apresentando como traição vergonhosa a busca de apoio ou intimidade fora da unidade. Enquanto se estabelece o contrato de Casal, a Relação se converte em um assunto privado, extirpado cirurgicamente das amizades nas que antes estava inserido, e isento das críticas que de outro modo aplicamos a nossas vidas compartilhadas.

*Uma prova para as relações: Você pode matar uma dinâmica ou padrão tóxico sem matar a amizade? Você pode romper com uma forma de ser ou de se relacionar que já não te serve e seguir sendo amigas, mudades e novos? Se essas duas coisas são indivisíveis, se matar uma significa que a outra morre com ela, pode ser que você esteja em um Casal.*

Muites de nós perdemos amizades por causa dos Casais, fomos deixados de lado no momento em que a ordem padrão se torna possível. Essa traição geralmente não se considera como significativa, se é que se reconhece. Quantos de nós fomos colocados em um papel secundário frente aos protagonistas românticos – sentidas como uma intromissão estranha no roteiro, uma tentativa desesperada e vergonhosa de seguir sendo relevantes? Se espera que aceitemos que os laços de amizade se deixam e retomam segundo os caprichos do Casal – suas brigas, rupturas e reconciliações. Quando eu resisto a ser designada como confidente e companheira de um encontro de café ocasional, se torna evidente que meus sentimentos sobre como as pessoas membras do Casal tratam entre si as decisões que tomam dentro do seu Casal, são inadmissíveis. Não é um assunto meu. Temos visto tanta violência se desenvolver dentro dos Casais – culminando em separações traumáticas que dividem



grupos inteiros e cenas mais amplas, devido a incapacidade de abordar criticamente as dinâmicas e os comportamentos que ocorrem dentro da unidade do Casal de maneira coletiva.

Nos alimentaram com a história do Amor Romântico desde as nossas primeiras infâncias: Disney, os contos populares sobre fadas que causavam estragos, distorcidos em relatos de heróis salvando princesas, sempre terminando em um casamento ou ao menos em um grande beijo heterossexual. Acreditamos que se torna revelador olhar a etimologia do Romance: "uma história, escrita ou recitada, sobre as aventuras de um cavaleiro, herói, etc.. concebida principalmente para o entretenimento", do francês antigo *romanz*.

O papel social do Amor Romântico é parecido com o de um espetáculo, na medida que oferece uma tecnologia viciosa que serve ao poder dentro de uma rede de corpos-tela. Pode se ver como a manifestação íntima do espetáculo, o achatamento do outro ser singular em uma imagem de projeções. Quando você vê alguém como a sua "outra metade", na realidade você não está olhando para essa pessoa.

Encontramos na seguinte passagem de *Attakattak*, traduzido em *The Local Kids n.º 1*, uma linda diferenciação entre o amor livre e a prisão do Amor Romântico:

*Nem sempre estarei aqui, talvez nem sempre te ame exatamente como tu deseja, você não será tudo para mim e nem eu serei tudo para ti. Mas tenho suficiente confiança no que você é para saber que o teu ser sempre será por mim querido, porque é maravilhosamente único e insubstituível. A vida sem ti não seria impossível, seria terrivelmente mais vazia e cinza. Uma vida sempre e somente contigo seria cruel para mim. Mas existe um equilíbrio instável entre nossa promessa, esse sentido de eternidade, e nossos desejos de ir a outro lado e de liberdade, esse equilíbrio é o desejo de nos amarmos.*

Muitas vezes, pessoas anarquistas gostam de se enganar que escaparam das garras do Casal ao proliferar sua lógica – tomam o poliamor como amor livre. Nós discordamos. Esse marco deixa intacta a forma do Casal e cria toda uma economia de energia e afeto para gestioná-la. O poliamor é monogamia neoliberal. Surgiram inumeráveis modelos re-etiquetados, desesperados por adaptar a lógica do controle íntimo ao mercado livre queer, sugerindo que podemos encontrar libertação expandindo nossas esferas de controle e dominação. O Casal "primário", com seus "secundários", constitui uma hierarquia fácil de criticar, mas a lógica fundamental do poliamor é que cada pessoa possui uma quantidade finita de energia (quer dizer, amor) que deve ser distribuída segundo negociações dentro das respectivas



unidades de casal. Somos todos gerentes na cooperativa de trabalhadores do amor! A ideia de que os ciúmes da outra pessoa podem se resolver gerenciando minha relação com alguém é mais uma maneira conveniente de evitar enfrentar o medo à morte e ao abandono com o que todos lidamos devido a escassez artificial e ao isolamento real dessa sociedade.

Outra posição reacionária – a da puta empoderada, unidade autossuficiente do eu, que se envolve em encontros ou "cruising"<sup>1</sup>, tampouco consegue colocar em questão a organização da sociedade dominante. No paradigma dos encontros, se considera aceitável transar somente com pessoas que não te importam realmente, nas quais você não confia nem respeita. Distinguir o impulso subjacente é chave aqui – é um desejo de conectar e compartilhar intimidade com pessoas fora dos seus círculos para expandir e transformar seu mundo, ou é um desejo de manter separados os teus amigos dos teus amantes para poder evadir da responsabilidade pelas tuas ações? A prática de "não sair nem transar com gente da movida" pode resultar particularmente feia se serve para separar as pessoas com quem você transa daquelas cuja opinião você se importa, impedindo-as de compartilhar críticas sobre os seus atos. Proposta como uma forma de evitar as desastrosas consequências sociais das rupturas que sabotam o potencial compartilhado, essa prática pode se tornar uma política de "não cague onde você come" – ou seja, você pode tratar teus amantes e companheiros sexuais como você quer enquanto não sejam parte do seu mundo.

Propomos começar por desnaturalizar coletivamente todas as dinâmicas de Casal. Se considera normal que companheiros íntimos tenham influência sobre com quem você compartilha sua intimidade. Isso se vê como um assunto que deve ser negociado dentro do Casal, como se fosse nosso trabalho, como Membros do Casal, gerenciar os afetos da outra pessoa. O que aconteceria se jogássemos toda essa ideia no lixo e fôssemos forçados a olhar o que há por trás dessa dinâmica?

Simplesmente dizer "não me importa com quem você transe, faz o que quiser" não é uma solução. Somos parte de uma rede, de uma quadrilha. As pessoas que nossos amigos trazem aos seus mundos impactam nosso mundo compartilhado. Mas é muito mais difícil, desorganizado e geracional abordar essas dinâmicas a partir de um cuidado com nosso amigo, nossa ecologia e nosso potencial compartilhado a partir de um lugar de controle mediante a gestão e a burocracia do Casal. Se alguém que eu amo começa a dar o seu amor a alguém que a trata mal, isso é absolutamente assunto meu, assim como é para o resto de nossos amigos.

---

1 N. da T.: O termo original em inglês "cruising" se refere à prática de buscar muitas vezes em espaços públicos ou semipúblicos, encontros sexuais ou relações eróticas casuais e anônimas.



E é sua responsabilidade considerar os efeitos de trazer essa pessoa pra sua vida, ao nosso mundo. De igual forma, quando um de nossos companheiros ou cúmplices trata mal seus vínculos íntimos, isso também nos concerne. Ao aceitar esse compromisso compartilhado, nos vemos forçados a enfrentar as dinâmicas que há por trás das nossas decisões – o medo a ser indesejáveis, da mudança, do envelhecimento, da solidão e das expectativas de gênero.

Nos propomos a reprimir emoções como os ciúmes que possam nos atravessar, sem reconhecer que essas emoções que estão localizadas dentro do Casal, na verdade estão dentro de nós mesmas, e somente podem ser resolvidas verdadeiramente dentro da nossa rede de confiança.

Claro, isso não deve ser confundido com sugerir que nosso amor e afetos devam submeter-se a uma reunião informal de aprovação. As ideias comunistas ou liberais de rendimento de contas não nos faz mais livres, mas sim adicionam outra capa de controle e gestão às nossas vidas já asfixiadas. Não estamos propondo colocar mais aspectos das nossas vidas sobre o microscópio nem afirmar que todos devemos nos dar bem e colaborar pelo bem da Revolução. Cada uma das nossas relações são diferentes; nem todas tem a mesma intensidade nem ocupam o mesmo lugar no nosso coração, e tá tudo bem – colocar nossas relações em uma falsa homogeneidade somente nos leva ao engano.

Diante do impulso social de compreender nossas relações dentro de uma economia de escassez e negociar medidas de austeridade, podemos, estender a uma ideia anarquista de expansividade social. Dar amor livremente expande de fato nosso coração e nossa capacidade de amar a outros. Se sempre estamos em relação com tudo o que nos rodeia, o que é então um Casal? É uma caixa que toma algo vivo, fluido e em constante mudança, que o objetiviza, o congela. Isso também é relevante para como pensamos a anarquia – no momento em que nossas relações, nosso amor, nossa luta, se quantificam, estamos mortas em vida. Libertar nosso amor, nosso afeto íntimo, dos limites do Casal torna possível uma cosmologia subversiva baseada no sentido expansivo do ser.

A forma do Casal pode ocupar e se apoderar de qualquer uma das nossas relações, inclusive daquelas que consideramos amigas "platônicas". Isso surge muitas vezes em vínculos gerados pelo trauma compartilhado, que dão lugar a um isolamento co-dependente. Algumas das minhas relações que mais se assemelhavam a um Casal foram "vínculos afetivos de poder" anárquicos platônicos formados através do trauma compartilhado da traição de um delator, a morte de um amigão, ou companheiros encarcerados. E cada uma delas terminaram em ruptura, quando os



padrões relacionais se tornaram muito tóxicos para curar. Ao criticar a forma na sua totalidade esperamos evitar as falsas soluções fáceis de culpar somente a certas relações excepcionalmente tóxicas e eximir as outras. Desenvolver compreensões de todas as formas que esse modo de relacionar controla nossas vidas pode nos permitir reconhecer e libertar constantemente os elementos do Casal a medida que se infiltram nas nossas relações, e nutrir os elementos do amor livre e a interdependência.

Ao entrar pela primeira vez em contato e experimentar uma ética anti-Casal, o impulso natural é aplicá-la ao próprio vínculo romântico atual. Esse impulso tem sentido: qualquer pessoa que compartilhe dos valores apresentados aqui provavelmente já se empenhou em libertar seu amor dos laços da hierarquia e do controle. Tódes sentimos e experimentamos o mal que estão as coisas, mesmo que seja em um nível intuitivo que ainda não aprendemos a confrontar na prática. No entanto, se essas ideias se tomam simplesmente como um novo mapa para as relações românticas, perdemos o ponto e corremos o risco de encobrir a invasão do Casal nos nossos vínculos amorosos, facilitando a negação com uma nova forma. Para que isso funcione deve ser um compromisso não somente com nossos companheiros íntimos, mas sim com todes nossos amigos e com nós mesmas. Se negar a permitir que o Casal enrede os seus cabos na sua vida significa negar separar suas relações sexuais ou amorosas da sua teia de aranha de amizades e cúmplices; significa se comprometer a honrar e priorizar os sentimentos únicos e a confiança que existem em cada um dos seus vínculos.

Ao contrário, também deveríamos ser críticos frente à integração automática de novos amores em uma cena ou grupo. As formas de confiança compartilhadas com a intimidade física e as de cumplicidade anárquica são singulares e devem se cultivar e se valorizar nos seus próprios termos.

Eu venho experimentando esses marcos durante vários anos. Em certo sentido, nada mudou – fui absorvida em uma relação profundamente dependente e, em alguns momentos, abusiva, na qual um querido amigue distorceu seu amor por mim em uma fixação que servia para ele como uma forma de evitar o confronto com o seu passado. Meu amor por elu, por sua vez, se transformou em um ressentimento amargo pela armadilha que elu se posicionava tão veementemente contra e na que logo seguiu se metendo. Já havia passado por isso antes, era uma história antiga e dolorosa. Em outro sentido, tudo mudou – tinha uma visão clara do que queria na nossa amizade, da não-dominação que usualmente se fazem no contexto dos Casais. Quando nossa amizade se desviou desses valores, fui capaz de reconhecer e intervir, inclusive somente foi me negando a participar, algo quase impensável dentro do Casal. Quando a minha



própria dor se transformou em ressentimento, consegui ser consciente de mim mesmo e crítico dos meus atos, me desculpar quando senti que havia atuado mal e mudar comportamentos que não refletiam meus princípios, ao invés de me justificar me baseando em como ele me tratava. Consegui reconhecer o dano sem normalizá-lo como parte de estar apaixonado. E quando, tragicamente, senti que o medo de que eu o deixasse eclipsou seu amor por mim, pude ir embora. No lugar de viver sobre o peso de um ultimato – estar juntas ou separadas; no lugar de internalizar seu terror ao abandono e me fazer responsável pela sua cura, me culpando pelo seu sofrimento, pude confiar o suficiente nele e nas nossas amizades para ir embora. Consegui ver minhas próprias necessidades e desejos como autônomos com respeito aos seus e atuar conseqüentemente.

*No lugar de uma ruptura, um ritual: com uma amiga querida, acende algum tipo de fogo, uma vela servirá. Juntas, pensem em todos os elementos da sua relação que são formais, hierárquicos, burocráticos. Nomeiem em voz alta aquelas partes da sua amizade que não serve: o controle, o ciúmes, a competição. Escrevam e queimem no fogo. Agora pensem nos elementos do seu amor que querem nutrir e fazer crescer: a liberdade, a vulnerabilidade, a coragem. Olhem como o oxigênio que alimenta sua chama, permitindo-lhe arder com mais força. Retomem esse ritual cada vez que necessitem, não somente em momentos de crises, mas sim como uma forma de manter intacta a intenção indomável.*

O Casal costuma se estabelecer, seja mediante um contrato explícito ou mediante a restrição implícita das intimidades, pelo Sexo. O Sexo é a instituição que recupera nossas energias eróticas e corporais e as codifica dentro de uma ordem simbólica, uma linguagem roteirizada e transacional. O jogo se transforma em trabalho, sensorial e de todas as formas em que compartilhamos com nossos amigos – cria o Sexo como o inverso, o espaço negativo, do Trabalho.

Em 1975, Silvia Federicci escreveu em "Por quê a sexualidade é um trabalho":

*Na realidade, toda comunicação genuína tem um componente sexual visto que não há divisão possível entre nossos corpos e nossas emoções e nos comunicamos utilizando continuamente todos esses aspectos. Isso ocasionou na imposição sobre nós de uma verdadeira condição esquizofrênica, já que desde muito cedo nas nossas vidas devemos aprender a traçar uma linha entre as pessoas que podemos amar e aquelas as que tão somente podemos mostrar nossa 'alma', nossos amigos e nossos amantes. O resultado é que somos almas sem corpo para nossos amigos e carne sem alma para nossos amantes.*



Devemos destruir essa fronteira entre corpo e alma, a mentira fundacional da racionalidade, para liberar nossa sensualidade dessa ordem. Ao rechaçar o Sexo, podemos explorar que se torna possível quando entendemos nossas energias eróticas como outras formas de sensação e comunicação que usamos para compartilharmos e nos expandirmos. Isso evita a fetichização do Sexo como elemento central da libertação, que pode transformar-se em cultos sexuais radicais, como os que existiram em alguns setores de *Weather Underground*<sup>2</sup> nos anos setenta. Nossas experiências com o trabalho sexual revelam com nitidez estremeceadora a captura dos gestos eróticos dentro de uma transação. Esses gestos, nesse contexto explicitamente transacional, reforçam nossa atomização, colocando cimento na separação que nos divide. Enquanto compartilho meu corpo com amigues, faço algo que, para um observador externo, parece exatamente o mesmo que fiz com um cliente. Mas esse gesto não se parece nada com o outro: aqui é uma incursão corporal na confiança, um passo na nossa dança que dissolve nosso sentido estável do eu.

Queremos citar um fragmento de "*Para acabar com o massacre do corpo*", enviado de maneira anônima à publicação *Três milhões de pervertidos* nos anos setenta:

*Queremos redescobrir sensações tão básicas como o prazer de respirar, sufocado pelas forças da opressão e a contaminação; ou o prazer de comer e digerir, interrompido pelo ritmo da rentabilidade e os alimentos de imitação que produz; o prazer de cagar e da sodomia, atacados sistematicamente pela opinião do establishment capitalista sobre o esfíncter. Esse inscreve diretamente sobre a carne seus princípios fundamentais: as linhas de poder da exploração, a neurose da acumulação, a mística da propriedade e a decência, etc. Queremos redescobrir o prazer de nos sacudir com alegria, sem vergonha, não por necessidade ou compensação, mas sim pelo mero prazer de nos sacudir. Queremos redescobrir os prazeres de vibrar, cantarolar, falar, caminhar, nos mover, nos expressar, delirar, cantar: encontrar prazer no nosso corpo em todas as formas possíveis. Queremos redescobrir o prazer de produzir prazer e de criar prazer, que foi brutalmente reprimido pelo sistema educativo encarregado de fabricar trabalhadores-consumidores obedientes.*

---

2 N. da T.: *Weather Underground* (também conhecido como Weathermen) foi uma organização marxista estadonidense que surgiu no fim dos anos 60. Conhecida pela sua militância e campanhas de sabotagem contra o governo, alguns dos seus membros também promoveram teorias e práticas controversas sobre a libertação sexual e as relações interpessoais, que o texto critica como um "culto sexual radical".



*Queremos nos desfazer da segregação sexual. Queremos nos desfazer das categorias homem e mulher, gay e hetero, possuidor e possuído, superior e inferior, ama ou escrava. Queremos, em troca, ser humanas transexuais, autônomas, móveis, múltiplas, seres com diferenças variáveis, capazes de trocar seus desejos, seus gozos, seus êxtases e suas ternuras, sem ter que fazer funcionar algum sistema de mais-valia, algum sistema de poder, não é nosso modo de jogo.*

Queremos passar agora a como as normas de gênero e sexualidade impactam e alienam a anarquia. A tradição insurrecional nos adverte que rechacemos a especialização em troca do contágio social e a expansividade. O rol de militante é o de soldado – um especialista na guerra. A tendência anarquista em fetichizar a militância e criar culturas de estoicismo machista nos obriga a desvalorizar o seu inverso – o lugar e seu terreno de emocionalidade feminilizada. Para subverter esse binário, propomos adotar uma ética guerreira. Uma ética guerreira integra a dimensão espiritual do conflito, valorizando o ritual compartilhado de se preparar para arriscar a morte e de ser recebida novamente nos braços de nossas amigas. Permite uma visão holística da luta entre curadores, guardiões do lugar, narradores e combatentes – podemos circular fluidamente entre esses papéis de luta conforme mudam as circunstâncias e os desejos, todos necessários para criar mundos nas ruínas deste. Não queremos atuar como soldados sob a bandeira negra.

Nossos sistemas nervosos se apagam diante da sensação quando estão permanentemente ativados frente a ameaça, dando origem a sintomas que identificamos como respostas ao trauma – hiperativação, entumecimento, insônia, dissociação, depressão. O estoicismo, o ser "duros", é a forma em que os homens são socializados para enfrentar o conflito, mas é somente uma valorização da reação do trauma de desconexão e paralisia (congelamento). Para afinar nossas técnicas de fazer a guerra, necessitamos desenvolver modalidades de cura que nos permitam reapropriar nossos sentidos. Necessitamos poder tirar a armadura quando não estamos em perigo imediato, aprender a liberar o trauma no lugar de acumulá-lo infinitamente. Necessitamos ser emocionalmente conscientes e nos abrir à conexão como uma força vital na nossa luta.

Os grupos de afinidade ou *crews* também podem se transformar em uma espécie de Família nuclear ou agrupação de Casais. Mesmo que alguns projetos somente sejam possíveis com as poucas pessoas em quem confiamos completamente, nem todos os projetos necessitam esses padrões. Isso nos dá espaços para desenvolver cumplicidade fora dos canais habituais, para experimentar a confiança nas pessoas novas com o tempo. Se nosso grupo é tudo o que temos, como o Casal ou a Família,



deve satisfazer todas as nossas necessidades. Dado que nosso potencial de ação depende inteiramente da sobrevivência do grupo, vivemos sob a sombra da sua iminente ruptura. Isso coloca nossa vida compartilhada em uma espécie de panela de pressão, terreno fértil para a formação de normas, disciplina mediante o controle e hierarquias informais. O conflito e o espaço necessário para atravessá-lo de maneira saudável passa a ser visto como uma ameaça para nossa sobrevivência coletiva ou a uma interrupção da nossa capacidade para atuar juntas, ao invés de uma fonte necessária e desejável de crescimento e mudança. Temendo a dissolução do grupo, recorreremos ainda mais aos Casais para não ficarmos sozinhos quando chegar a inevitável ruptura.

Tenho tentado navegar esse padrão abordando a formação de grupos de afinidade de maneira mais informal, algo fluido e específico do contexto mais que permanente e formal, como uma célula. Podemos formar um grupo de afinidade para um projeto específico, e ao complementá-lo, permitir que o grupo morra, deixando espaço para o nascimento de novas constelações de afinidade que cresçam apartir dessas experiências. Ter diferentes projetos sem limites fixos de dentro e afora, nos permite atuar dentro de uma rede no lugar de uma unidade.

Tampouco queremos reproduzir o modelo familiar do patriarca e sua prole elevando a teóricos masculinos, influentes e personalidades fortes a um lugar perto da adoração, como vemos em muitos contextos, desde Bonanno, até dinâmicas menos públicas dentro de cada meio.

Pode dar mais medo enfrentar nossos próprios demônios que confrontar a polícia anti-distúrbios – o conflito com quem fomos formades para ser, o veneno que viemos ingerindo dessa sociedade, requer coragem. Por exemplo, se sinto ciúmes de que a pessoa com quem compartilho intimidade deseje alguém mais, e me nego a localizar esse sentimento dentro da minha relação com essa pessoa, posso reconhecê-lo como algo que provém das minhas experiências vividas. Então posso ver que o que identifico como ciúmes é uma máscara do meu próprio medo a perdas. Posso refletir sobre e de onde vem esse medo, meu amigue sendo assassinade ou meu amor mais profundo me deixando, e posso chorar essas perdas junto a meus amigues. Somente então posso evitar usar esse sentimento para criar uma dinâmica de controle e de exclusividade profundizada com a pessoa com quem compartilho intimidade. Sem esse marco, essa oportunidade, meu medo e meu luto permaneceriam presos e apodrecendo dentro de mim, e seguiria projetando-os sobre meus seres querides.

Enfrentar meu trauma, rechaçar os vícios que me permitem evitá-lo como Casal, é somente um primeiro passo para a cura, mas é um passo imenso e aterrador que a maioria das pessoas passa a vida inteira evadindo.



Somente ao me envolver com esse trauma, que é uma viagem de uma vida toda, posso atravessar o medo que me leva a necessitar um Casal ou um filho, alguém a quem controlar. Claro, viver nesse mundo é um trauma constante, que sempre se acumula e reforça aquilo que lutamos tanto por resolver e transformar. E assim seguiremos desenvolvendo nossas amizades, nosso amor, dentro da gaiola do Casal. Seguiremos projetando nosso medo sobre quem temos mais perto. A luta por libertar nossas relações dessa jaula somente pode nutrir a tensão anarquista.

Um amigüe expressou lindamente na sua resposta a essa conversa,

*"Ultimamente tenho pensado a intimidade como uma pessoa criminosa. Como uma pessoa hacker ou uma pessoa catadora. Sei que preciso formas recíprocas de cuidado para seguir lutando. Nesses dias a tomo onde seja que a encontre. Me agarrando a essas intimidades fugitivas inclusive quando me escapam dos dedos. Armando algo possível, algo vivível, algo suficiente para seguir adiante. Aprendendo a viver nesses espaços de ambivalência e imperfeição. Não acredito que tenha que te curar para curar o mundo, ou o que seja. Você somente necessita se manter o suficiente para seguir incendiando as coisas. Quem sabe que tipos de formas relacionais estranhas e maravilhosas podem surgir desse caos..."*

Tentamos fugir do nosso medo a desaparecer, medo a irrelevância, ao descarte, a envelhecer, a morrer, nos prendendo em instituições que são imortais – que existem para deter o ciclo da morte e do renascimento. As mulheres anciãs foram criminalizadas nas caças às bruxas porque já não produziam nem filhos nem desejo sexual, ou seja, porque já não eram consideradas mulheres. Então também tememos o que acontece quando deixamos de ser produtivas para a sociedade: Que tipo de repressão enfrentaremos quando já não sejamos o suficientemente jovens e sexys para sermos consideradas relevantes dentro dos cultos de personalidade anarquistas? O que acontece se morremos sem ser amantes de ninguém, sem ser mãe ou filho de ninguém? O que passa quando nos permitimos que ninguém nos reclame?

Esse medo se baseia em uma realidade, na que alguns de nossos amigües, nossos companheiros, eventualmente nos abandonarão ou nos trairão, deixarão para atrás a luta que compartilhamos ou serão pegos pela prisão ou pela morte. Não é falso, e devemos aprender a chorar essa perda ao invés de tentar fugir dela.

Somos arrastados para as Famílias e para os Casais por um desejo de pertencer a algo. É precisamente esse desejo dos que se aproveitam do nacionalismo, das religiões, das gangues, da sociedade de massas e outros



cultos autoritários. Nos dizem que sem pertencimento não existimos, e assim encerramos nossas relações livres dentro de instituições que, como o capital, as prisões ou a mercadoria, transcendem a morte. Contra o culto civilizatório a imortalidade, propomos laços de parentesco, uma ecologia vital cheia de vida, morte e renascimento — um pertencimento coletivo compartilhado que está em formação constante, baseada na nossa antagonia comum contra a dominação e nosso compromisso de atacá-la, como marginais.

De Ludditas Sexxxuales: *Ética amadora do desejo libertário e as afetações livres e alegres:*

*No canil ao virar da esquina de casa, os cães uivam a noite toda e a manhã toda. É essa ideia de proteção, de bem-estar, de cuidado que nos opomos. Correr exposto na rua é preferível a dormir numa gaiola de boas intenções.*

Os convidamos a fechar os olhos para uma visualização final:

*Você é um lobo, deitado numa gaiola com cerca do dobro do tamanho do teu corpo, sob o brilho intenso de lâmpadas fluorescentes que se acendem e desligam, um espelho distorcido de noite e dia. Você nunca sente fome, nunca sente medo pela tua sobrevivência, entorpecido numa névoa de sedação enquanto o relógio na parede marca os dias. Você ouve um barulho, sem saber de onde vem, sem saber se está dentro de ti ou fora de ti. Será um trovão distante? O contorno de uma memória que se ilumina num momento de raiva? Você se senta, mas em vez de andar para a frente e para trás, atira todo o teu peso contra a porta e cai no chão vazio. Alguma vez foi trancada? Você começa a galopar e sai do edifício, pelas ruas, para além dos limites da cidade, e o deserto se abre diante de ti. A lua está cheia. Você uiva.*

*Silêncio.*

*Uiva de novo, mais alto, sem sequer considerar abrandar os membros tensos, deleitando-se com a sensação do ar frio no teu pelo. Você ouve uma resposta, e o teu uivo solitário torna-se um entrelaçamento complexo de vozes, uma canção. Você corre na direção dos outros lobos e eles se fundem numa dança de corpos, brincadeiras, lutas, descansos. O tique-taque do relógio finalmente abandona os teus pesadelos, o teu coração que bate no ritmo da subida e descida da lua. Uivam juntos para que os outros ouçam, para lhes mostrar que há um lugar para fugir.*

*A nossa manada cerca a cidade que procura nos recapturar, quebrando gaiolas, rasgando as gargantas dos técnicos de laboratório, tentando e falhando em arrancar aquele maldito relógio da parede. Parte dos teus familiares morre sob as armas dos caçadores. Outros se juntam, alguns regressam à segurança*



*das suas gaiolas. Aqueles que nunca mais voltarão lambem as feridas uns dos outros. Numa noite você decide partir e vaguar sozinho. A solidão que agora você escolhe não tem nada a ver com o isolamento da gaiola, você deixou isso no outro mundo. Você sabe que pode sempre ir para casa com os teus entes queridos, mudados, diferentes. Sobe uma duna e absorve a vastidão do céu estrelado — o seu coração é inundado pela imensa beleza do deserto e pela sua pequenez dentro dele. Enche os pulmões, solta um uivo animado com toda a dor e alegria da tua caminhada errante. Outros respondem.*



**Sabemos bem que toda estrutura de contenção, toda instituição, toda jaula, é um obstáculo para perseguir nosso desejo de liberdade, mas muitos tendemos a criar por nós mesmos nossas próprias correntes. Então, a luta contra as instituições de reclusão —como as prisões, os criadouros, as instituições psiquiátricas, a família, a religião, o cientificismo, os centros de detenção para pessoas imigrantes— junto com suas respectivas ideologias, deveria incluir também uma reflexão sobre nossas relações e sobre as estruturas que servem para conter a fluidez do nosso desejo, canalizando-o em formas produtivas e inteligíveis, nos levando a negociar medidas de austeridade para fazer frente à escassez de afeto, amor, intimidade e apoio emocional que reina no nosso mundo de vínculos. O texto que segue oferece contribuições para refletir sobre os limites do modelo de "Casal" e sobre como nossas relações sentimentais, sexuais e afetivas interagem com a nossa rede mais ampla de amizades, cumplicidades e afinidades em um contexto de luta contra um sistema, com a finalidade de apontar a criação de uma ecologia diferente das relações.**



**CICATRIZ  
DEL CHIP**  
CICATRIZDELCHIP.NOBLOGS.ORG